

BONDACZUK, Pedro J. Ex-libris: uma arte e prova de amor aos livros: bom gosto e criatividade nos desenhos e nas divisas. Correio Popular, Campinas, 16 maio 1986.

Maneira criativa para afirmar a propriedade de um volume

“Ex-libris”: uma arte e prova de amor aos livros

Pedro J. Bondaczuk

O livro, com toda a certeza, é a maior das invenções do homem. Não por seu utilitarismo imediato, evidentemente, mas por aquilo que significa. E através dele que se torna possível transmitir, geração após geração, o que há de mais característico e distintivo no ser humano: a sua inteligência. Conhecimentos colhidos mediante estafantes experiências deixam de se perder, registrados em suas páginas. Meditações, especulações, crônicas de acontecimentos e tudo o mais que define e caracteriza as civilizações, fica encerrado entre as suas capas e permanece como patrimônio de toda a humanidade.

Estima-se que atualmente existam, em bibliotecas particulares e públicas, pelo menos dez exemplares de livro por habitante do Planeta. Ou seja, cerca de 45 bilhões deles, acerca de todo e qualquer assunto que se possa imaginar. Desde a base teórica da ciência que deverá dominar o próximo milênio, a da “informática”, àqueles temas que versam sobre a magia negra. Desde os mais profundos tratados de filosofia, aos acerca da arte culinária. Romances, poemas, biografias, volumes de história, compêndios científicos e uma infinidade de outros assuntos estão à disposição das pessoas, em cerca de 2.500 línguas e dialetos diferentes que os homens usam para manifestar o seu pensamento. Pode-se dizer, sem nenhum receio, que tudo aquilo que alguém já pensou algum dia, sobre qualquer coisa, pode ser encontrado em algum livro.

Mas os temas estão muito longe de se esgotar. Há uma infinidade de assuntos ainda a serem tratados e as próprias alterações ocorridas ou que ainda irão ocorrer na vida dos povos ensejam vastos e virtualmente infinitos campos a serem explorados. Não há limites para o conhecimento e, por conseguinte, sempre existirá a necessidade que as novas descobertas e as novas criações sejam registradas, para que a transitoriedade do ser humano não as extinga, juntamente com aquele que as elaborou.

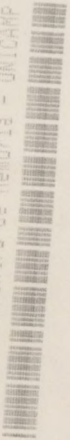
Tanto por este caráter utilitário, quanto pelo companheirismo que ele significa, o livro desperta um grande amor nas pessoas que realmente en-

tendem a sua valia. Em alguns casos, isso chega a transformar-se, até mesmo, numa enorme paixão. Tal sentimento vem sendo manifestado de diversas maneiras através dos tempos. A maior parte das vezes, conservando esse amigo silencioso e versátil à cabeceira da cama, na escrivaninha de trabalho, na mala de viagem e em outros lugares práticos, onde ele possa estar sempre ao alcance de nossas mãos. Esse, pelo menos, é o modo com que o homem do nosso tempo o trata.

Há, entretanto, aqueles que mantêm uma relação de “amor” mais profunda com os seus livros. Que deixam neles a sua marca, a prova de sua estima, uma espécie de “anel matrimonial” consubstanciando uma união “até que a morte os separe”. São os chamados “ex-libris”, selos de propriedade adotados por colecionadores particulares e por bibliotecas públicas. No primeiro caso, muitas dessas coleções passam de pai para filho, no correr de algumas gerações, com acréscimos no acervo e com extremado capricho. Entretanto, em algumas ocasiões, esse elo de amor familiar aos livros é desfeito abruptamente. Volumes e mais volumes acabam sendo vendidos para “sebos”, por descendentes indiferentes, que não têm consciência daquilo de que se estão desfazendo.

A revista semanal editada pelo jornal espanhol “El País”, em sua edição do dia 27 de abril passado, traz uma interessante reportagem sobre os “ex-libris”. E relata o caso de uma pessoa que conseguiu adquirir, num “sebo” de Barcelona, na Espanha, uma preciosa coleção de volumes raros, que trazia numa das capas essa marca de propriedade do seu antigo dono. A biblioteca de um homem diz muito sobre a sua personalidade, sua maneira de proceder, sobre o que pensa e quais as suas aspirações individuais e sociais. Afinal, foram os livros que leu que fixaram seus conceitos, corrigiram suas deficiências de caráter e detonaram a explosão de criatividade que havia em sua mente. Ao se desfazer do seu acervo, esse inconsciente cidadão de Barcelona, que colocou à venda os sonhos e a sabedoria que alimentaram seus antepassados, praticamente desnudou a personalidade desses ascendentes publicamente.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



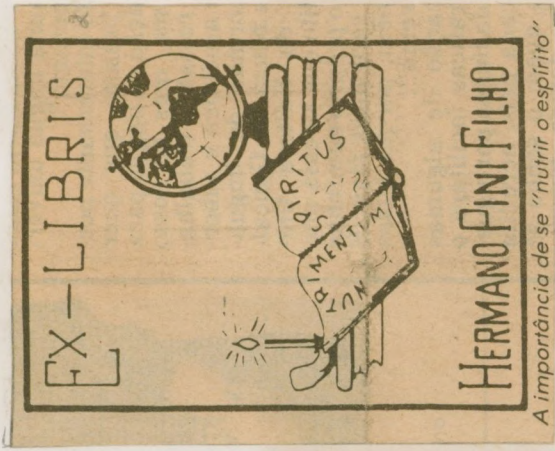
CMUHE029632



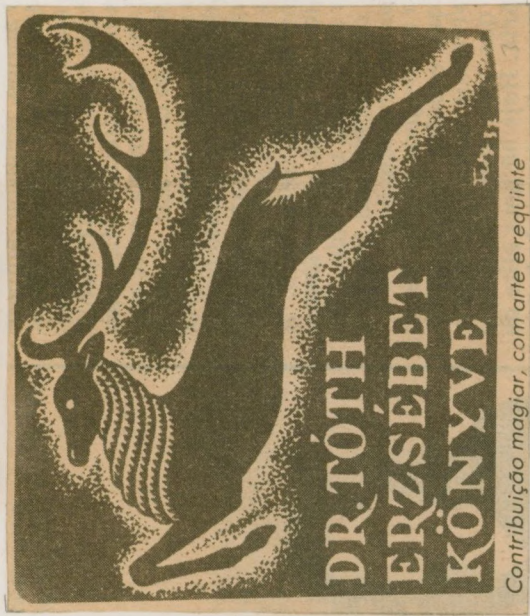
"Ex-libris" simbolizando luta pela sobrevivência



Um original "ex-libris" holandês



A importância de se "nutrir o espírito"



Contribuição mágica, com arte e requinte



Temas orientais sempre presentes



Selo representando o espírito meditativo

BONDACZUK, Pedro J. Ex-libris: uma arte e prova de amor aos livros: maneira criativa para afirmar a propriedade de um volume. Correio Popular, Campinas, 16 maio 1986.

Bom gosto e criatividade nos desenhos e nas divisas

A palavra "ex-libris" origina-se do latim e significa "os livros de". Trata-se de uma vinheta, contendo o nome e a divisa do bibliófilo que a criou. Serve para ser colada no verso ou no reverso dos volumes de sua biblioteca, como um distintivo de sua propriedade. Os lemas ficam por conta da imaginação de cada proprietário, como aliás toda a concepção desses selinhos. Através de tais "ex-libris", não é muito fácil de concluir acerca não apenas da personalidade, mas dos talentos revelados ou ocultos dos seus donos.

Alguns são rudimentares, com desenhos até muito infantis e frases que são verdadeiros clichês. Como por exemplo, "Vini, Vidi, Vincit", ou "Com Este Signo Vencerei" ou ainda "Fiat Lux". Outros, porém, são elaborados com extremo requinte e bom gosto, reproduzindo obras famosas dos maiores pintores que o mundo já conheceu ou estampando símbolos ligados às suas respectivas profissões. As frases, geralmente de duas palavras, também revelam se seus autores são meramente convencionais, acompanhando o gosto e o pensamento das massas ou se são dados a profundas meditações. Algumas são verdadeiramente complicadas, geralmente em latim ou grego. Outras, aparentemente simples, mas que demonstram que o seu autor foi um verdadeiro gênio, embora na maioria das vezes sequer desconfiasse desse extraordinário dote da natureza.

Quem adquire o "Jornal da Tarde" ou "O Estado de São Paulo", certamente não pode deixar de notar um selinho existente no canto superior esquerdo do frontispício desses órgãos. Essa vinheta vem a ser o "ex-libris" da família Mesquita, proprietária da modelar empresa que edita esses diários. Ela mostra um

homem, com um barrete à cabeça, tocando um instrumento para chamar a atenção certamente do público. O arauto retratado no selo é Bernard Gregoire, que nos idos de 1876 apregoava pelas ruas da então acanhada cidade de São Paulo o novo número do jornal, que na época se chamava "A Província de São Paulo".

Os proprietários de "O Estado de São Paulo" não estão errados ao aplicarem o seu "ex-libris" em seus diários. Afinal, cada exemplar de jornal é um rico e variadíssimo livro, retratando a história contemporânea. Com uma vantagem: não mostra somente o lado político ou o econômico da convivência de um povo. Estampa suas diversões, a opinião de seus homens mais ilustres acerca dos fatos mais momentâneos, a forma dos cidadãos se entenderem e desentenderem, as distorções sociais mais agudas do período em que circulam e muitos outros aspectos, que ocupariam coleções e mais coleções de tratados para serem mostrados, sem as vantagens da atualidade, do baixo custo, e das emoções despertadas por ele. O fato desse órgão trazer impresso, diariamente, seu "ex-libris", denota o amor da família pela atividade, que vem passando de um descendente para outro através já de quatro gerações, e a consciência que ela possui da importância do seu papel.

Atrás de cada uma dessas vinhetas, há geralmente uma biblioteca. Um investimento financeiro também, pois embora com o desenvolvimento notável da arte gráfica o livro tenha barateado bastante, ainda continua sendo inacessível para muitos orçamentos. Mas há pessoas que sacrificam outros prazeres, muitas vezes todos, e deixam de investir no imediato, que lhe traz geralmente rápidos e polpidos dividendos, para apostar suas "fichas" no longo prazo, no bem mais permanente e gratificante em termos de satisfação pessoal, que pode existir, que é a cultura. Por isso é lícito que o proprietário desses acervos tenha tamanho apego àquilo que lhe valeu tanto esforço para conseguir.

E é por essa razão também que os "ex-libris" sempre simbolizaram e vão simbolizar, mais do que uma relação de posse, uma confissão de extremado amor pelos livros e por aquilo que eles contêm.

Alfabeto gera revolução maior do que o invento da roda

Há tempos, desde quando saíram das cavernas, os homens sentiram a necessidade de comunicarem-se com seus semelhantes. A princípio, isso era possível somente através de um conjunto de meia dúzia de gestos básicos, que refletiam ameaça, fome, desejo, frio, amor e ódio. Posteriormente, nossos ancestrais descobriram que poderiam emitir sons através de suas gargantas e que esses, mediante convenção tácita, poderiam substituir, com vantagens, a linguagem gestual. Daí, a evolução para a comunicação simbólica, representada por rústicos desenhos, foi um passo.

No começo, essas pinturas rudimentares serviram para finalidades mágicas. Os sacerdotes dos diversos clãs acreditavam, por exemplo, que desenhando um bisão na parede das cavernas que habitavam, a alma dessa animal estaria aprisionada em tais traços, por sortilégios inexplicáveis e a tarefa dos caçadores que pretendiam abater essas presas seria simplificada. Depois, o mesmo procedimento passou a ser praticado em relação a membros de outras tribos, durante as guerras. Hoje, essa arte primitiva é o único registro que se dispõe acerca de um longo período em que o homem evoluiu das cavernas para a construção de cidades, templos, monumentos e para a ereção das diversas civilizações. O que ocorreu antes e por quanto tempo é impossível de se saber.

O primeiro povo que se utilizou de imagens a título de escrita de que se tem notícia foi o egípcio. Mas essa linguagem simbólica apresentava uma grave dificuldade, praticamente insanável. Os símbolos pictóricos tinham significados diferentes, de acordo com cada pessoa que os interpretava. Um exemplo disso foi o caso (verídico, por sinal) verificado com Dario, o Grande, antes desse guerreiro sofrer uma fragorosa derrota em determinada batalha travada contra os citas, que habitavam a região Norte do Mar Negro (atual território da União Soviética). As tropas desse monarca avançavam rumo ao reino que pretendiam conquistar, envolvendo centenas de milhares de homens, quando um emissário do soberano inimigo as encontrou e lhes entregou uma mensagem. Esta, tinha uma forma peculiar de apresentação. Ao invés de estar esculpida numa pedra, como era costume difundido na época, estava simbolizada por

alguns objetos bizarros: um rato, uma rã, um pássaro e algumas flechas. Dario reuniu o seu Estado-Maior e tranqüilizou os seus generais, dizendo: "Ganhamos! As flechas significam que o inimigo vai depor suas armas, sem oferecer nenhuma resistência. O rato e a rã querem dizer que eles irão nos entregar suas terras e suas águas. E o pássaro indica que os soldados adversários vão correr de tal forma dos nossos exércitos, que vão criar até asas em seus pés".

Naquela mesma noite, os citas atacaram os persas. Lutaram com grande valor e inflingiram uma enorme derrota às forças de Dario. Finda a batalha, o general vencedor explicou ao monarca derrotado que ele poderia ter evitado a catástrofe e a imensa carnificina se tivesse acreditado na mensagem que lhe havia enviado. E explicou: "Minha mensagem era clara. Dizia que a menos que vocês se transformassem em pássaros e voassem, em ratos e se enfiassem na terra, em rãs e se escondessem nos pântanos, não conseguiriam escapar à morte por nossas flechas".

Esse erro fatal de interpretação certamente não aconteceria se o recado fosse escrito em qualquer alfabeto, posteriormente desenvolvido. Os "pais da escrita" moderna, conforme já explicamos numa outra oportunidade, foram os fenícios, que a desenvolveram, por volta do ano 1000 AC. Com ela, surgiu a maior das invenções humanas: o livro. A partir daí, a nata do pensamento passou a ser registrada para a posteridade. Inicialmente, tais registros eram feitos em tabuinhas de argila, guardadas em enormes "bibliotecas", com vinte mil volumes (como a de Nínive e da Babilônia) em média. No Egito, passou a se adotar o "papiro" para registrar o que se desejava, embora a pele de animais tivesse largo curso para essa finalidade.

Hoje, o livro está prestes a dar um salto qualitativo muito maior. Em países de tecnologia muito avançada, como o Japão, os Estados Unidos e alguns da Europa, já são comuns os áudio-livros e vídeo-livros. Serviços de vídeo-texto conseguem conter, em espaços restritos, acervos equivalentes a bibliotecas de milhões de volumes que o interessado pode consultar sem sequer sair de casa. E as possibilidades nesse campo são múltiplas. Quase infinitas. Já vão distantes os tempos em que o livro era objeto raro, produzido geralmente por pacientes monges, que gastavam vidas inteiras na elaboração de irrisórias duas a três dezenas de volumes, copiados a pena de pato, a mão. Hoje, as editoras despejam milhões e milhões de exemplares, em diversos idiomas, e nos mais variados formatos. Mas nem assim a relação amorosa entre eles e seus consumidores tem esfriado. A prova é o renascimento da arte dos "ex-libris", que está conhecendo, especialmente na Espanha, outro dos seus grandes "surto" de criatividade.

JFT 8.5.30-4
29632 F4

BONDACZUK, Pedro J. Ex-libris: uma arte e prova de amor aos livros: as 28 obras que mudaram sistemas e modos de pensar. Correio Popular, Campinas, 16 maio 1986.

As 28 obras que mudaram sistemas e modos de pensar

Para se compreender a razão do fanatismo de algumas pessoas por seus livros, bastaria que se citasse um elenco de pelo menos 28 obras que modificaram o mundo. Algumas, foram causas de explosões de irracionalidade coletiva, como o "Mein Kampf", de Adolf Hitler. Outras, são hoje a "cartilha" de metade da humanidade, como o "Manifesto Comunista", de Marx e Engels ou "O Capital", de Karl Marx. Elas, contudo, não são as mais vendidas de todos os tempos. Uma relação dessa espécie é muito difícil de ser feita, mas dispomos de uma estatística de 1968, discriminando os 11 livros mais comercializados no mundo em todos os tempos até aquela ocasião. Eles eram, pela ordem: A "Bíblia", com 1,5 bilhão de exemplares; "Citações das Obras de Mao Tse-Tung", com 800 milhões; "A Verdade que Leva à Terra Eterna" (das Testemunhas de Jeová), com 65 milhões; "Dicionário Ortográfico Americano", de Webster, com 60 milhões; "Mensagem a Garcia", de Hubbard, com 50 milhões; "Em Seus Passos", de Sheldon, com 30 milhões; "O Livro do Bom Senso nos Cuidados das Crianças", de Benjamin Spock, com 24 milhões; "O Livro Guinness de Recordes Mundiais", com 24 milhões; "O Vale das Bonecas", de Jacqueline Susan, com 17 milhões; "Livro dos Primeiros Socorros da Cruz Vermelha Americana", com 16 milhões e "Cuidados Infantis", editado pelo governo norte-americano, com 15 milhões.

Passados 18 anos, certamente a lista, à exceção dos três primeiros títulos citados, deve ter sofrido radicais transformações. Como mudanças foram produzidas também pelas 28 obras consideradas fundamentais do pensamento humano, no comportamento dos povos, as quais são, pela ordem: "A República", de Platão; "Des Civitate Dei" (A Cidade de Deus), de Santo Agostinho; "Summa Theologicae" (Suma Teológica), de Santo Tomás de Aquino; "Commedia" (A Divina Comédia), de Dante Alighieri; "De Imitatione Christi" (A Imitação de Cristo), de Thomas Hammerkein Kempis; "Il Príncipe" (O Príncipe), de Niccolò Machiavelli; "Instituto Christianae Religionis" (A Instituição da Religião Cristã), de João Calvino; "De Revolutionibus

Orbium Coelestium" (As Revoluções dos Mundos Celestes), de Nicolau Copérnico; "Optimo Republicae Statu deque Nova Insulta Utopia Libelle Uere Aureus" (Sobre a Melhor Condição do Estado e Sobre a Nova Ilha Utopia), de Thomas More; "El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha" (Dom Quixote), Miguel de Cervantes; "Exercitatio Anatomica de Motu Cordis et Sanguinis in Animalibus" (Exercícios Anatômicos Sobre o Movimento do Coração e o Sangue dos Animais), de William Harvey; "Dialogo Sopra I Due Massimi Sistemi del Mondo" (Diálogos Sobre os Dois Maiores Sistemas do Mundo), de Galileu Galileo Galilei; "Discours de la Méthode Pour Bien Conduire la Raison et Chercher la Vérité dans les Sciences" (Discurso Sobre o Método da Razão), de René Descartes; "Philosophiae Naturalis Principia Mathematica" (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural), de Isaac Newton; "Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences des Arts et des Matières" (Enciclopédia Francesa), vários; "Le Contrat Social" (O Contrato Social), Jean-Jacques Rousseau; "An Inquiry Into the Nature and Causes of The Wealth of Nations" (A Riqueza das Nações), Adam Smith; "Common Sense" (O Sentido Comum), Thomas Paine; "Kritik der Reinen Vernunft" (Crítica da Razão Pura), Immanuel Kant; "An Essay on the Principle of Population" (Ensaio Sobre a População Humana), Thomas Robert Malthus; "Manifesto Comunista", Friedrich Engels e Karl Marx; "Uncle Tom's Cabin" (A Cabana do Pai Tomás), Harriet Beecher Stowe; "On The Origin of Species by Means of Natural Selection or the Preservation of Favoured Races in Struggle for Life" (A Origem das Espécies), Charles Robert Darwin; "Das Kapital" (O Capital), Karl Marx; "Also Sprach Zarathustra" (Assim Falou Zaratustra), Friedrich Wilhelm Nietzsche; "Die Traumdeutung" (A Interpretação dos Sonhos), Sigmund Freud; "Die Grundlagen der Allgemeinen Relativitätstheoria" (A Teoria da Relatividade), Albert Einstein; e "Mein Kampf" (Minha Luta), de Adolf Hitler.

O possuidor de alguns desses livros gostaria, acaso, de se desfazer dele? Teria a coragem de o emprestar a qualquer um, sem a garantia de devolução? Nunca teve o secreto desejo de ser co-autor da maioria deles? Vale ou não à pena de o transformar numa obra de arte, também em seu aspecto externo, através de uma esmerada encadernação? O prazer, nesse caso, torna-se até dobrado em aplicar em seu verso, ou no seu reverso, um criativo selo de propriedade, um revelador "ex-libris", selando, ao menos simbolicamente, uma duradoura e profícua união.

BONDACZUK, Pedro J. Ex-libris: uma arte e prova de amor aos livros: mais do que bem cultural, um alimento do espírito. Correio Popu- lar, Campinas, 16 maio 1986.

Mais do que bem cultural, um "alimento do espírito"

O "ex-librismo" nasceu praticamente, pelo menos em sua versão moderna, junto com a invenção do tipo móvel, atribuída a Johannes Gutenberg, um afável cidadão de Mogúncia, na região do Reno, grande bebedor de vinhos e amante da boa vida. Nessa ocasião, a cultura e as artes tiveram o seu renascimento na Europa, após um prolongado período de letargia, conhecido como "a idade das trevas", dominado pela prepotência, preconceito e por superstições que fariam rir o mais atrasado dos aborígenes dos dias atuais.

Mais pessoas passaram a se interessar pela alfabetização, geralmente aquelas oriundas das chamadas classes superiores, ou seja, a nobreza e a alta burguesia. A partir de então, tornou-se fato corriqueiro os castelos e palácios reservarem espaços crescentes para quantidades cada vez maiores de livros, adquiridos, diga-se de passagem, ainda a peso de ouro. Por essa razão, a maioria dos "ex-libris" confundia-se com a técnica blasfônica, aquela que criava os símbolos dos brasões das principais casas de nobres européias.

A difusão do uso dessas vinhetas acompanhou a própria popularização do livro como objeto de consumo. Isso deu-se, principalmente, a partir do século XVI, atingindo o apogeu no XVIII para declinar e quase desaparecer na primeira metade do XIX. Entretanto, essa verdadeira arte renasceu a partir de 1902, na região de Barcelona e em algumas outras províncias da Espanha. O grande incentivador do "ex-librismo" de então foi Ramón Miquel Y Planas, que fundou uma associação para congregar todos os que ainda tinham esse costume de identificar com arte os livros de suas bibliotecas na Península Ibérica. Um ano mais tarde, seu irmão José aderiu a esse projeto e a 26 de julho, os dois ganharam a companhia de outros bibliófilos, como Font de Rubinat, Víctor Oliva, o impressor Puigi y Valls, Alexandre de Riquer e José Triadó, e resolveram fundar uma revista, para difundir essa técnica. Para ela confluíram a estética do modernismo catalão, que então emergia com enorme vigor, a paixão de colecionadores inveterados e o ofício impecável de exímios artistas gráficos. Para esse grupo, criador da "Revista Ibérica de Ex-Libris" e congregados na "Associação de Ex-

Libristas Ibéricos", havia apenas um dogma essencial: "O livro deveria ser, não apenas pelo conteúdo, mas em si próprio, na sua condição de objeto, uma obra de arte".

Hoje, o uso de "ex-libris" no mundo todo é uma prática muito difundida. Alguns, são rudimentares, feitos em casa mais à base de boa vontade do que com o capricho e a sensibilidade dos grandes artistas. Outros, são autênticas gravuras, dignas de figurar nos mais nomeados museus de arte do mundo. Uns, refletem ambições simples e desejos secretos comuns, como ser um guerreiro famoso, um pensador respeitado ou somente um homem forte. Outros, chegam a constituir-se em verdadeiros casos para os divãs de psicanalistas, tão confusas são as simbologias que expressam, onde o subconsciente os trai e desnuda fantasias eróticas inconfessáveis.

O crítico literário Eduardo Frierio, um sergipano que colaborava no extinto "Diário da Noite", escreveu um excelente trabalho a respeito desta arte, intitulado "Acerca de Ex-Libris", que foi publicado nesse jornal em 27 de setembro de 1953. Nele, o intelectual nos esclarece que o costume de marcar a propriedade de um livro mediante selos vem da mais remota antiguidade, dos assírios e dos babilônios. Comenta que do século XV ao XVIII, as divisas mais comuns adotadas continham sábias citações de Sêneca, Ovídio ou Virgílio. Como uma que ele menciona que diz "Vita sine litteris mors est" ("A vida sem livro é morta"), uma variante da expressão desse filósofo latino que diz "Otium sine letteris..." Menciona outros lemas, como "Libro libertas", "Fiat vir liber libris" (Seja livre o homem por meio dos livros) ou a orgulhosa inscrição do pintor Manet, "Manet manebit".

No Brasil é freqüente encontramos essa manifestação de apreço pelos livros e de bom gosto artístico, nas melhores bibliotecas públicas e particulares. Inclusive o nosso colega de redação, Hermano Pini, excelente analista de assuntos econômicos, possui o seu "ex-libris". Como ele mesmo explica, rudimentar, mas que reflete o carinho que dedica a esses amigos prestativos, que tudo sabem, não aborrecem com conversas inúteis e nem com inconfidências indesejáveis.

O "ex-libris" de Hermano Pini traz uma inscrição que resume tudo o quanto escrevemos acima. O livro é muito mais do que um instrumento para que possamos adquirir cultura. Supera seu valor material, com o que contém o seu interior. É muito mais do que um luxo, uma mania, um ímpro "hobby". É um bem indispensável como o ar, como nossas vestes, como a própria comida. É como garante a divisa de Hermano Pini: "Nutrimentum spiritus" ("Alimento do Espírito").